



Educação e esporte: antídotos contra a violência

*Maria Alice Rezende Gonçalves**

Resumo – Neste artigo, discute-se o significado do projeto social da Vila Olímpica do Grupo Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira na vida dos jovens que o freqüentam. No final da década de 1980, emergiram novos atores no cenário das políticas sociais da cidade do Rio de Janeiro, entre os quais as escolas de samba, que estenderam suas atividades para além do Carnaval. Reconhecidas como entidades representativas e promotoras de ações sociais voltadas para o combate da pobreza, das desigualdades e da exclusão social, desenvolvem projetos no campo social destinados a diferentes faixas etárias. A Vila Olímpica da Mangueira representa uma dessas iniciativas, incluindo-se em uma série de projetos em andamento nas comunidades carentes que buscam saídas para ampliar as oportunidades dos jovens pobres em situação de risco.

Palavras-chaves: Rio de Janeiro; escola de samba; favela; política social; juventude.

Por muito tempo as ciências sociais interpretaram as cidades latino-americanas como não-modernas ou pré-modernas devido, em parte, à preeminência do associativismo comunitário em detrimento do corporativo. A cidade do Rio de Janeiro não foi uma exceção porque demonstrou, ao longo dos séculos, uma tendência de abrigar, manter e ampliar um número significativo de associações comunitárias. As cidades consideradas modernas eram aquelas concebidas como o “lugar do mercado”, do fortalecimento das relações impessoais e do anonimato. Entretanto, as interpretações mais recentes admitem a existência de vários modelos

de modernidade permitindo, desse modo, pensar as especificidades das nossas cidades. Em lugar de pensarmos o que falta, passamos a relevar a presença de valores e práticas que não têm na lógica do mercado o princípio fundador. Nessas interpretações, modernidade não se confunde com racionalidade, e a pessoa é, ao mesmo tempo, concebida com razão e sentimento. É dessa forma que concebemos as especificidades das cidades latino-americanas, tendo em vista as diferentes concepções de cidade e de modernidade.

No caso do Rio de Janeiro, o associativismo tem acompanhado o quadro nacional.

* Antropóloga, Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ e Pesquisadora do NUPEVI (Núcleo de Pesquisas das Violências) do IMS/UERJ. E-mail: marialicerezende@uol.com.br.



Somente uma parcela reduzida da população, aquela que possui maior escolaridade e rendimentos elevados, encontra-se efetivamente vinculada à sociedade civil organizada (sindicatos ou associações de empregados).

Dados recentes fornecidos pela Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) demonstram a atual distribuição espacial das escolas de samba na cidade e ratificam a preferência popular por esse tipo de associação. Elas se concentram na Zona

Norte; em seguida, nos subúrbios da Central e da Leopoldina e, em menor número, nas Zonas Sul e Oeste. Essa distribuição justifica-se pelo fato de as escolas de samba manterem uma relação estreita com as áreas de favelas e bairros populares da cidade. Revelaram-se uma das formas de associativismo preferido e duradouro existente na cidade. Criadas na década de 1920, tornaram-se um forte canal de expressão social e político dos segmentos populares.

Tabela 1
Escolas de samba por área da cidade e Região Administrativa
Rio de Janeiro – 1995

RAS	ZONA SUL	OCORRÊNCIAS
IV	Botafogo	4
V	Copacabana	2
XXVII	Rocinha	1
Total		7
RAS	ZONA NORTE	
III	Rio Comprido	2
IX	Vila Isabel	3
VIII	Tijuca	1
XIII	Méier	7
XX	Ilha do Governador	3
Total		16
RAS	SUBÚRBIO LEOPOLDINA	
I	Portuária	1
VII	São Cristóvão	2
X	Ramos	2
XI	Penha	5
XII	Inhaúma	2
XXVIII	Jacarezinho	1
XIV	Irajá	1
Total		14
RAS	SUBÚRBIOS DA CENTRAL	
XV	Madureira	10
XVI	Jacarepaguá	3
XXV	Pavuna	2
Total		15
RAS	ZONA OESTE	
XIX	Santa Cruz	1
XVII	Bangu	4
Total		5
Total Geral		57

Fonte: Liesa - Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, 1995. In: Ribeiro & Junior (1996).



Durante os anos de 1980, intensificou-se a violência nos bairros populares e favelas da cidade do Rio de Janeiro advinda da expansão do tráfico de drogas. Bombardeados pelas novidades produzidas pelos estilos juvenis globalizados (música, moda, lazer e entretenimento) e assediados pelo crime organizado, os jovens pobres passaram a ser o grupo mais atingido por essa situação de intensa vulnerabilidade. Despreparados para enfrentar o futuro, com poucas possibilidades de se integrarem satisfatoriamente ao mercado de trabalho, sem escolarização adequada, sem recursos financeiros para participarem do consumo dos itens juvenis, expostos à violência e à sedução do crime organizado, os jovens moradores das favelas, das periferias e dos bairros populares retratam a carência de projetos sociais que atendam a suas demandas sociais.

A mesma década de 1980 marca a emergência de novos atores no cenário das políticas sociais da cidade: as entidades comunitárias – organizações não-governamentais, religiosas e de entretenimento. Todas buscam promover formas alternativas de inclusão de crianças e jovens por meio de programas que sirvam de antídotos à violência e à situação de risco imposta às populações juvenis.

Favorecidas e incentivadas pelas políticas sociais focais propostas pelo governo federal, as escolas de samba estendem suas atividades para além do carnaval. Reconhecidas como entidades representativas e promotoras de ações sociais voltadas para o combate à pobreza,

às desigualdades e à exclusão social, desenvolvem projetos no campo social e educativo voltados para diversas faixas etárias, entre elas a juvenil. Para a manutenção de seus programas, buscam parcerias com o poder público, empresas privadas e organismos internacionais. Nesse contexto emerge a experiência do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Esta agremiação instituiu, pelo seu estatuto, a intenção de promover programas sociais direcionado ao público morador do complexo da Mangueira e dos bairros da vizinhança.

A entrada dos grêmios recreativos de escolas de samba no cenário das políticas sociais, em especial o projeto esportivo Vila Olímpica da Mangueira, é uma experiência que se tem apresentado como uma das saídas encontradas para combater a violência a que estão expostos meninos e meninas – no caso aqui recortado, da Mangueira e dos bairros populares periféricos. Por meio do esporte e do fortalecimento dos vínculos com a educação formal, acredita-se que crianças e jovens atendidos pelo projeto ampliaram suas oportunidades de inserção social.¹

A crença de que o esporte pode promover uma socialização positiva, afastando o jovem do mundo do crime, norteou a criação do projeto Vila Olímpica da Mangueira e inspirou a criação de vilas esportivas em outros bairros da cidade e agremiações carnavalescas – como é o caso do G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro.² Recentemente, durante as comemorações dos 56 anos do G.R.E.S Vila Isabel, a Prefeitura do



Rio de Janeiro, com apoio da escola, lançou as bases para a construção de uma nova vila esportiva. Além de ser uma das entidades que apóiam financeiramente alguns dos projetos sociais vinculados às escolas de samba, a prefeitura tem construído vilas olímpicas na periferia, nas favelas e nos bairros populares, visando promover a inclusão social e reforçando a idéia de que por meio do esporte os jovens serão afastados dos perigos das ruas e se reduzirão a repetência e a evasão escolar.³

Nessa urdidura, onde se entrelaçam efeitos da redução do poder do Estado, em virtude das restrições impostas pelos acordos internacionais, e do desmonte das políticas de bem-estar, as vilas olímpicas surgem como projetos locais que ampliam as oportunidades para os jovens pobres.

Apesar dos limites das ações focais, este projeto da Mangueira tem como perspectiva a integração desses jovens à comunidade e à sociedade nacional. Em luta pelo reconhecimento da cidadania plena dos jovens, tem procurado conjugar reivindicações locais com uma perspectiva universalista de justiça social, desempenhando funções educativas, de lazer, de entretenimento, profissionalizante e, principalmente, civilizadoras, unindo bairros populares e favelas em extensas redes de solidariedade e reciprocidade. Assim, a rivalidade do samba chega ao esporte.⁴

O sucesso da Vila Olímpica da Mangueira abriu caminho para sua repetição em outras comunidades. A rivalidade criada pelo samba

estende-se à competição pelo desenvolvimento de projetos culturais e esportivos dedicados ao público infanto-juvenil.

Nessa nova rivalidade, a Mangueira torna-se referência para o trabalho social de outras escolas de samba. Formam-se equipes esportivas que ingressam nas federações esportivas, que participam de torneios, enfim, que procuram atingir um só objetivo – ampliar as oportunidades dos meninos pobres e reduzir a criminalidade.

Os meninos da Mangueira

Tanto o projeto quanto a escola regular proporcionam ao jovem mangueirense a descoberta da adolescência, de um *status* temporário – nem criança, nem adulto –, uma fase de espera para a entrada na vida adulta. (Bourdieu, 1983) Nesse período de espera, os meninos da Mangueira pensam em seu futuro profissional, nas barreiras para a aquisição de um emprego, nas possibilidades de se tornarem atletas, enfim, no que a vida lhes reserva ao ingressarem na fase adulta. Por exemplo, Ivan, de 16 anos, cursa a sexta série do ensino fundamental, e Wallace, 17 anos, cursa o segundo ano do ensino médio. Os dois jovens são vizinhos no Morro da Mangueira e compartilham o sonho de quase todo menino brasileiro: jogar futebol – o que fazem semanalmente na Vila Olímpica da verde-e-rosa.

Em oposição ao destino daqueles que matam e morrem precocemente por terem ingressado no mundo do crime, daqueles que trabalham e





abandonaram a escola ou daqueles que preferem não fazer nada, os jovens da Mangueira, como também os de outras comunidades, preferem participar dos projetos sociais que oferecem atividades educativas, culturais e de divertimento. “Queremos levar entretenimento, lazer e cultura para as favelas e mudar a realidade dessas pessoas. Queremos ocupar o tempo ocioso dos jovens e ajudá-los a ter auto-estima e acesso à informação”, afirma um dos coordenadores do Afro-Reggae, repetindo o mote que se tornou hegemônico em projetos juvenis. Tal como a idéia do projeto esportivo da Mangueira, outras experiências culturais e esportivas também proliferaram em certas favelas; por exemplo, a do Grupo Cultural Afro Reggae de Vigário Geral, que criou bandas e oficinas de percussão e dança após o massacre de 21 moradores ocorrido em 1993.

Os projetos sociais desenvolvidos em comunidades carentes ultrapassaram os limites das comunidades onde se implantaram e, em alguns casos, são reproduzidos em outras localidades. Esta circulação tem criado um mercado de trabalho especializado, ou seja, constituem-se em uma fonte de trabalho para os jovens que deles participam. Esses jovens tornam-se reprodutores dos próprios projetos: profissionais da dança, da música, do esporte ou, até mesmo, uma atividade administrativa. Em alguns casos, integram-se ao mercado de trabalho com alguma habilidade lá adquirida.

A possibilidade de criação de novos postos de trabalho parece fascinante. Porém, para que se possa realizar uma avaliação séria desses

projetos, há de se averiguar se os recursos aplicados de várias fontes têm eficácia sobre os jovens em situação de risco, como também produzir e colocar à disposição da sociedade civil os dados estatísticos a respeito dos jovens que ficaram afastados do tráfico. A precariedade de dados impede uma avaliação mais rigorosa a respeito das ações de tais projetos, que se proliferaram nas comunidades carentes, porém isso não invalida totalmente essas ações.

Na comunidade da Mangueira, a realidade é semelhante. Os projetos sociais geram um pessoal qualificado que alimenta os próprios projetos sociais, as atividades da escola e o mercado de trabalho. Durante os preparativos do carnaval, as oficinas da própria escola fornecem os profissionais que fazem os adereços e fantasias, passistas e até mesmo instrumentistas para a bateria. Além do pessoal qualificado para o trabalho do carnaval, os projetos geram também atletas que competem profissionalmente pela Vila Olímpica verde-e-rosa, além de jovens monitores que dão continuidade aos projetos na favela. Os projetos também exercem função de oferecer aos jovens participantes uma qualificação profissional necessária para o ingresso no mercado formal de trabalho.

Entre a obrigação escolar e a busca de uma formação profissional, os jovens das favelas querem lazer e entretenimento, querem participar dos estilos juvenis de seu tempo.

Os jovens Marcos (15 anos) e Armando (15 anos), ambos ex-contínuos, atualmente estão desempregados. Já freqüentaram as atividades



da Vila Olímpica da Mangueira e as abandonaram para trabalhar. Hoje fazem treinamento para o mercado de trabalho no Camp-Mangueira.⁵ A implantação do Camp-Mangueira surgiu como resultado da constatação de que as atividades esportivas não atendiam à clientela potencial, uma vez que nem todas as crianças e adolescentes apresentavam aptidões físicas e talento requeridos a futuros atletas (Chinelli 1995). Segundo o diretor da Vila Olímpica da Mangueira: “E aqueles que não são aproveitados [nas equipes esportivas], que a gente vê que realmente não dão para o esporte, aí encaminha-se ao Camp para que eles ali tenham um sentido de vida”.

Na convivência diária, nas dependências da Vila Olímpica da Mangueira, os meninos desenvolvem o gosto pelo esporte, trocam experiências, demonstram suas incertezas quanto ao futuro. Apesar da dificuldade de conciliar estudos e treinos, e por vezes se sentirem cansados da dupla atividade, os meninos são atraídos pelas diversas modalidades esportivas. A maioria deles já circulou por outras modalidades. O contato diário com o mundo do esporte parece ser o grande responsável pela construção de um grupo de “especialistas” nesse campo. A maioria dos meninos entrevistados declarou que deseja ser jogador de futebol profissional e, entre as meninas, a preferência incidiu no desejo de se tornarem jogadoras de voleibol profissional. Ainda que as possibilidades de concretização desses sonhos impliquem percorrer um caminho árduo, eles têm esperanças.

O significado e as funções do esporte

No esporte, os jovens pobres buscam funções pedagógicas, lazer e profissionalização. Com regras universais válidas para todos, representaria uma sociedade ideal que fascina e mobiliza os brasileiros, além de permitir um treinamento e uma permanente familiaridade com um sistema assim organizado. Acresce a isso que o esporte possui funções mnemônicas importantes e proporciona atividades físicas prazerosas e saudáveis. No mundo contemporâneo, em que estão em crise os valores exigentes da ética do trabalho, tais funções não devem ser desprezadas. (Zaluar, 1994)

A passagem do jogo ao esporte moderno causou uma mudança de significado e de função – as práticas populares integradas ao calendário coletivo foram convertidas em exercícios corporais, “espécie de arte pela arte corporal” –, impondo uma ideologia aristocrática do esporte como atividade desinteressada, gratuita, como prática amadora formadora do caráter, inteiramente oposta à busca da vitória a qualquer preço. (Elias & Dunning, 1992; Bourdieu, 1983).

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas – amadorismo contra profissionalismo; esporte-prática contra esporte-espetáculo; esporte distintivo de elite e esporte popular de massa. Cabe esclarecer que, mesmo entre as classes populares, o esporte não deixou de cumprir as funções que estavam na origem de sua invenção: a formação do caráter – um meio





de ocupar, mobilizar e controlar os jovens escolares. A passagem do esporte como prática da elite, reservada aos amadores, ao esporte como espetáculo, produzido por profissionais e destinado ao consumo de massa, como práticas esportivas, como é o caso do futebol – que nasceu dos jogos populares –, retorna ao povo sob forma de espetáculo produzido para o povo. Os esportes populares passam a funcionar para exibição de massa, “difundido para além do círculo dos praticantes, isto é, para um público que possui de maneira bastante imperfeita a competência específica necessária para decifrá-lo adequadamente: o ‘conhecedor’”. (Bourdieu, 1983) Atraídos pela possibilidade da fama e transformados em público conhecedor, que dispõe de esquemas de percepção e apreciação que lhes permitem ver o que o leigo não vê, que apreciam o esporte, conhecem suas regras, e notam detalhes que passariam despercebidos aos outros, os meninos da Mangueira desenvolvem o gosto pelo esporte, querem permanecer ligados ao campo do esporte, seja como profissional (jogador, técnico, professor etc.), seja como “conhecedor”.

Como se tornar um atleta profissional?

O desemprego, a falta de oportunidades e a baixa escolarização são fantasmas que rondam e ameaçam o futuro do jovem pobre. Mesmo assim, eles constroem projetos ambiciosos de mobilidade social. Nesse contexto, ser atleta

profissional aparece como uma solução mágica para todos os problemas.

Os esportes coletivos tipicamente populares, tais como o futebol, handebol ou o basquetebol, e também os esportes individuais populares, tais como o boxe ou a luta livre, repelem os membros das classes dominantes. A composição de seu público (setores populares) e os valores em jogo (a exaltação da competição e as virtudes exigidas – força, resistência, disposição à violência, espírito de sacrifício, de docilidade e de submissão à disciplina coletiva) representam uma antítese dos papéis que as elites encarnam.

No Brasil é muito ruim. Há pouco investimento no esporte. Poucos atletas ganham altos salários. Aqui você tem que optar: ou você se profissionaliza ou investe nos estudos. Jogador de futebol, a maioria tem que parar de estudar. Não é como nos Estados Unidos. O Brasil não dá muito enfoque, muito apoio. É só olhar as medalhas que os Estados Unidos ganham e as que o Brasil ganha (Depoimento de Mariana, 18 anos).

Apesar das dificuldades enunciadas, os jovens relatam o sucesso obtido por alguns ex-colegas ou conhecidos que conseguiram viajar para o exterior ou foram convidados para jogar em time profissional. Nesse panorama, está



sempre presente a figura do “olheiro”, aquele “caçador de talentos” que a qualquer momento pode lhes oferecer uma oportunidade de profissionalização ao vê-los jogando. Também o contato com jogadores profissionais e com outras personalidades que visitam a Vila Olímpica reforça esse sonho.⁶

– *Como foi a visita do presidente Clinton?*⁷

– *Foi bom. Ele brincou. Apesar de eu não ter entendido muito o que ele falava, joguei bola com ele. Porque sou goleiro também. Brinquei aqui com ele de pênalti. Ele e o Pelé. Tirei uma foto só. (...)*

– *Você é bom mesmo, jogou com o Pelé!*

– *Acho que sou bom mesmo. Quando fui jogar lá com o Zico, ele me chamou. Só não fui porque ficava contra mão, não tinha como ir sozinho (...).*

Quando são convidados a relatar casos de colegas que conseguiram integrar algum time, não definem com muita clareza em que time foram jogar no exterior ou em que país, mas a fama e a possibilidade de terem destino igual estão presentes. “Tem um tal de Batista, irmão de meu amigo, tem o Álvaro que foi para a Suíça e está treinando no São Cristóvão, já saíram vários. Eu só não fui para a Suíça porque no último treino tive uma dor de dente, estava com a bochecha inchada, eles não me chamaram”, relata Jonas (14 anos).

Os jovens atletas se sentem incluídos ao mundo esportivo. As visitas de atletas profissionais à Vila Olímpica da Mangueira, as viagens para jogos, os treinos, a mídia, a esperança de que a qualquer momento podem estar sendo observados por um “olheiro” colocam os jovens permanentemente em contato com as notícias desse universo. Esses fatores os motivam para a construção de um projeto profissional. Mesmos aqueles que encaram as dificuldades da profissionalização de atleta não descartam de todo esse sonho.

Ter ambição, sorte, perseverança, disciplina, treinar diariamente, ser reconhecido como bom jogador, ser visto por um “olheiro” (assim são chamados aqueles que estão a procura de “novos talentos”), competir com outros clubes, viajar para o exterior – estes parecem ser os pré-requisitos para se tornar um Batista. A história de Batista é narrada pelo irmão, que também quer ser jogador de futebol. A trajetória desse jogador mangueirense, que iniciou no futebol na Vila Olímpica, é sempre citada pelos jovens quando se fala do sucesso no esporte. O fato de ter sido morador da Mangueira, seu irmão frequentar a Vila e sua família continuar residindo na Mangueira torna sua história mais visível. Todos acompanham a evolução de sua carreira. Seu irmão conta:

– *Meu irmão viajou lá para o Rio Grande do Sul, foi jogar bola. Ele sempre teve um objetivo, queria ser jogador de futebol. Sempre lutou, ia para*



os clubes sozinho. Não tinha quem o levasse.

– Quem o convidou para ser jogador profissional?

– Foi o coordenador técnico aqui da Vila. O nome dele é Ivan. Ele o levou para jogar no São Cristóvão, depois ele foi passando por vários times: Fluminense, Vasco, Flamengo e agora ele está no Rio Grande do Sul.

– Ele já viajou para o exterior?

– Em agosto do ano passado (2000). Ele foi para a Itália. Lá foi bom, só não ficou por causa da idade. Ele era muito novo. Agora, no Rio Grande do Sul, ele recebe um salário, não é o salário cento e poucos, não. Não é um salário mínimo não. É de mais ou menos uns três mil reais.

“Primeiro, eu quero ser jogador de futebol. Para isso, estou treinando, me dedicando”. Esta prática esportiva não exige capital econômico ou cultural, e, sim, qualidades físicas e competências corporais. São jovens, condição necessária a esta prática esportiva, daí a crença de que o treinamento e a perseverança lhes fará conquistar o posto de jogador de futebol. A busca de um clube que tenha um time profissional para ser uma condição indispensável para que suas oportunidades sejam ampliadas.

– Você acha que estar na Vila Olímpica vai te ajudar?

– A oportunidade da gente se tornar um jogador melhora mais ainda porque a gente sem fazer esporte nenhum, sem treinar em algum clube não tem quase possibilidade. Tem gente que pensa em ser jogador mas não tem como. Aí treinando num clube, tem olheiro que olha e que chama para o clube do Flamengo, Vasco... esse negócio. Tem mais possibilidade de se tornar um jogador.

O projeto de profissionalização apresenta várias etapas. Para os meninos interessados no futebol, a Vila significa uma primeira oportunidade. Lá eles podem treinar orientados por um técnico, podem viajar, serem vistos por um olheiro ou por qualquer um que queira dar-lhes uma oportunidade no mundo do esporte. Porém, todos aqueles que podem treinar em clubes que tenham uma equipe profissional. “A Vila Olímpica não é um clube que disputa com outros”. “A Mangueira não tem um time que dispute com outros profissionais”, dizem os meninos. Quando lhes é dada oportunidade, todas as semanas, além da escola regular, freqüentam um clube e a Vila Olímpica.

Todos estão à espera de um convite para ingressarem definitivamente no mundo do esporte. Não basta o convite para ingressar numa equipe; às vezes, a distância do local de moradia, as possíveis oportunidades que derivaram da participação na equipe que os convidou, a necessidade de trabalhar, tudo é considerado para que o convite seja aceito.



Nesse universo, os times profissionais de maior projeção e os times europeus exercem maior fascínio entre os jovens. A figura do “olheiro”, aquele que formula o convite, pode aparecer a qualquer momento, é quase uma sorte. Os meninos acreditam estar sempre sendo observados, seja na Vila, nos clubes ou no futebol de várzea, daí a preocupação do bom desempenho: “Na Olimpíada da escola tinha um olheiro vendo eu jogar e me chamou para um time lá em Marechal Hermes. Só que é muito baixo. O nível daqui é melhor. Lá eu não conheço ninguém” (Jonas, 14 anos).

A Vila parece significar lazer, educação, esporte, entretenimento para esses jovens. Na verdade as atividades esportivas lá desenvolvidas habitam dois campos importantes na socialização juvenil: o prazer e a obrigação. A possibilidade de o esporte transitar por esses dois mundos o transforma em algo atraente e desejável. A perpetuação desta sensação é dada pela profissionalização, ou seja, trabalhar em algo em que há, simultaneamente, prazer e recompensas materiais dadas pelo trabalho.

Ser um atleta significa mobilidade social, ter uma atividade lucrativa, prestígio e prazer em desenvolvê-las. Os jogos esportivos, com suas regras, disciplinam o espaço flexível do lazer e, por outro lado, suavizam as obrigações, próprias do espaço do trabalho. Por isso, é possível entender por que os jovens, mesmo em horários e dias que não têm treinos, estão presentes na Vila. Pelo seu caráter lúdico, o esporte proporciona o desenvolvimento de relações de sociabilidade e experiências importantes na construção das identidades juvenis.

A aposta na educação formal

Durante as entrevistas, notei que quanto maior o grau de escolarização desses jovens, mais elaboradas eram as respostas às questões formuladas, ou seja, mais clareza tinham os obstáculos a serem enfrentados para a conquista de uma profissão de maior qualificação e/ou prestígio. Neste sentido, todos crêem que a permanência na escola é uma forma de minimizar as barreiras que os distanciam de suas aspirações profissionais.

Há, dentre os jovens pertencentes às equipes de voleibol, por exemplo, quem receba bolsa de estudos em escola privada e apoio moradia, quando necessário. O que a direção pretende nesses casos é criar equipes competitivas e jovens com uma boa formação regular. Este cuidado faz com que esses jovens tenham um perfil diferente daqueles que frequentam as atividades de forma assistemática, ou seja, têm apoio integral da parte do projeto. Mesmo cientes de que a educação amplia suas possibilidades de formação profissional, isto não descarta o reconhecimento de que existem outros caminhos para a mobilidade ascendente. A preferência pela carreira de esportista não os afasta do estudo; a formação esportiva é vista como uma possibilidade de ter um bom emprego. Para eles, ganhar dinheiro nem sempre está associado à escolarização elevada, como pode ser observado num debate ocorrido em reunião com várias atletas do voleibol.





Atleta 1 – p.ex., a Carla Perez [dançarina e apresentadora de programa de TV], ela ganba muito dinheiro.

Atleta 2 – Estou falando de trabalho decente, não de ficar mostrando a bunda na televisão.

Atleta 3 – No Brasil não é só o estudo que vale. No meio artístico tem a Carla Perez, a Tiazinha... [modelo/TV] Tem muito advogado, médico que não arranja serviço, tem que ficar vendendo cachorro quente.

Atleta 4 – Quer dizer que você não queria ficar viajando, como a Tiazinha, pelo Brasil todo sendo admirada por todo mundo.

Atleta 1 – Eu não.

Atleta 4 – Duvido.

O aumento dos anos de escolaridade não é um seguro contra o desemprego ou a conquista de uma ocupação de maior prestígio social que os diferencie das ocupadas por seus pais. Certamente este fato tem preocupado, principalmente àqueles jovens entrevistados com maior nível de escolarização – ou seja, eles estão cientes de que a conclusão do segundo ou do terceiro grau não lhes fornece a garantia de obterem um emprego com alta remuneração.

O sistema escolar encoraja os jovens das classes populares e suas famílias a esperar aquilo que o sistema assegurava aos estudantes das classes

sociais médias e altas quando o ingresso era restrito a elas. Ascender aos níveis superiores de ensino significa aspirar a se tornar advogado, promotor, professores, técnicos esportivos etc. Como segunda opção de carreira, as respostas foram bastante diversificadas. As perguntas sobre seus anseios profissionais futuros deram origem a respostas discrepantes, como também a outras que mantêm a coerência, ou seja, a preferência pelo mundo dos esportes. Esses querem ser professores de educação física, técnicos etc. (os atletas da equipe de voleibol que cursam o terceiro grau estão no curso de Educação Física). Principalmente aqueles que cursam o primeiro grau não conseguem justificar de maneira clara suas escolhas futuras: “Quero ser promotor de justiça porque a madrinha de minha irmã é advogada e chamou minha mãe para trabalhar com ela. A minha mãe tem uma caligrafia boa”, diz Jonas (14 anos).

Não há dúvida de que a carreira esportiva, assim como a artística, tem sido uma das poucas vias de mobilidade social ascendente para as camadas populares. Como estas carreiras são factíveis apenas para alguns, e disto tantos os dirigentes quanto os jovens têm consciência, os jovens sempre apresentam uma segunda opção de carreira sem abandonar seus sonhos de se profissionalizarem nesses campos.

A música, como o esporte, também forma seu “público conhecedor” – a extensão do público para além do círculo de amadores contribui para reforçar o desejo de profissionalização. Com a intimidade com o samba, aliada a algumas noções de percussão, adquiridas nos



projetos da escola de samba (como a Mangueira do Amanhã) ou na própria esfera doméstica, estes meninos vêem no campo da música uma possibilidade de trabalho.

A música também inspira sonhos nos jovens. Ser pagodeiro surge como uma opção profissional. Alguns jovens mencionam grupos profissionais saídos da comunidade da Mangueira, como o “Arte Junior”. “A senhora sabe onde fica da Escola Municipal X, é só entrar na rua do lado. Eles tocam ali, num bar, toda sexta-feira”, conta Fábio (16 anos).

Há cursos na escola de samba que criam outras expectativas profissionais que fogem ao campo da arte e da música. Josi (14 anos) fez um curso de modelo e outro de passista na escola de samba, seguindo a trilha de sua irmã. Durante a entrevista, uma jovem passa por nós. Josi aponta e diz: ela foi minha professora no curso de passista. Além de modelo, quero ser atleta profissional (voleibol), acrescenta a jovem atleta. Para ela, a carreira de modelo já começou: já desfilou, participou de um concurso e tirou o terceiro lugar. Acredita que seus sonhos são possíveis porque sua irmã desfilou até casar. Pretende conjugar as duas profissões: atleta e modelo.

De maneira geral, as diferentes classes se preocupam de maneira desigual com os lucros sociais que a prática de certos esportes proporciona. A carreira esportiva é impenável para os jovens das classes altas – com exceção de alguns esportes como o tênis – mas representam uma das poucas vias de ascensão

social dos jovens das classes populares: “o mercado esportivo está para o capital físico dos meninos, assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso (como modelo e manequim) estão para o capital físico das meninas”. (Bourdieu,1983)

Ser pagodeiro ou modelo? Em geral usam o exemplo de um grupo que obteve fama e o caso de alguém que se tornou modelo profissional, e não levam em conta a rapidez dessas duas atividades. Elas são vistas como uma maneira de obter sucesso e dinheiro rapidamente.

A atual crise no mercado de trabalho cria a necessidade da busca de novos campos de trabalho e de uma maior escolarização, além de uma preparação profissional mais adequada as mudanças em curso.

Além da formação para os tradicionais postos de trabalho estimulados por cursos existentes nos diversos projetos sociais da escola de samba, o campo da música ou do esporte tem oferecido alternativas para os jovens. Ser treinador de outros meninos, organizar um grupo de pagode, ser um dos técnicos ou instrutores dos projetos para as populações carentes, ser um percussionista da escola de samba ou de um grupo musical constituem-se em novos campos de trabalho abertos pelo “trabalho social”. Estas novas formas de inclusão estão em expansão nas comunidades carentes; em alguns casos, até mesmo aqueles que conseguem concluir o terceiro grau lá permanecem como promotores de projetos sociais para sua comunidade.



O jovem que frequenta o projeto esportivo da Mangueira parece estar ciente das dificuldades futuras em função das transformações ocorridas no mundo do trabalho. Observei também que os mais escolarizados usam termos como a “globalização da economia” para se referirem às questões sociais atuais.⁸ Aqueles de menor escolarização materializam suas preocupações desejando um trabalho em que possam ganhar dinheiro e “viver bem”.

O desafio que se coloca na atualidade é o da inclusão desses jovens à nação com seus plenos direitos de cidadão. Neste sentido, este projeto comunitário parece pretender responder a esta questão, através de uma socialização positiva que permita que o jovem desenvolva habilidades para atividades que os incluam neste mercado de trabalho tão exigente. Enfim, que se preparem para o desenvolvimento de um trabalho que permita a satisfação de suas necessidades básicas – moradia, alimentação, saúde, cuidados com a família etc.

Este projeto social, apesar dos limites das abordagens focais, ganha relevância no cenário das políticas sociais, pois atende de alguma maneira a estas populações jovens carentes de iniciativas que contemplem suas demandas. O projeto esportivo da Mangueira procura fazer a sua parte, ou seja, ao transformar os meninos(as) em situação de risco em Meninos da Mangueira, fortalecendo uma identidade local sem perda da perspectiva de integração a sociedade nacional. Além da proposta de integrar os meninos via socialização pelo esporte e

preparação para o trabalho, o projeto esportivo da Mangueira tem minimizado a carência de espaços de lazer e diversão necessários para a sociabilidade juvenil.

Mas o que querem os meninos da Mangueira? Querem estudar, ter uma profissão, um bom emprego, morar perto da praia, ganhar dinheiro, casar, enfim, satisfazer os sonhos comuns a todos os grupos juvenis.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. Como se pode ser esportivo? *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.136-153.
- CHINELLI, F. Violência, mercado de trabalho e cidadania: o projeto pedagógico das escolas de samba. In: VILLAS BOAS, G.; GONÇALVES, M. A. *O Brasil na virada do século*. O debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p.110-119.
- DUNNING, E., MAGUIRE, J. As relações entre sexos no esporte. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, 1997 [s/n, s/p].
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- GONÇALVES, M.A.R. *A Vila Olímpica da Verde e Rosa*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- LEITE LOPES, J. S. Esporte, emoção e conflito social. *MANA - Estudos de Antropologia Social*, nº1. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 1995, p.141-165.



- RIBEIRO, L.C.Q.; SANTOS Jr., O.A. *Associativismo e participação popular*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR/FASE, 1996.
- ZALUAR, A. Violência e crime. In: MICELI, S. (Org.) *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1999, p.13-108.
- _____. Exclusão e políticas públicas, dilemas teóricos e alternativas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº35. ANPOCS, 1997, p.29-47.
- _____. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: SCHWARCZ, L., NOVAIS, F. A. (Orgs.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.245-318, v.4.
- _____. O utilitarismo sociológico e as políticas públicas. *Estudos em Saúde Coletiva*, nº 146. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1996, p.8-23.

Abstract – *This article discusses the significance of the social project of the Olympic Complex of Grupo Recreativo Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira (the pioneer Samba School Estação Primeira da Mangueira) to the lives of the young people going there. In the late 80's, new actors came up on the scene of social policies in the city of Rio de Janeiro, among which the samba schools, which have extended their activities beyond carnival time. Identified as representative entities and promoters of social action against poverty, inequity and social exclusion, they develop social projects aimed at different age groups. The Mangueira Olympic Complex stands out as one of these initiatives, integrating a series of on-going projects in needy communities, which look up opportunities for the poor youngsters at risk.*

Keywords: Rio de Janeiro; samba school; slum; social policy; youth.

Resumen – *En este artículo, se plantea el significado del proyecto social de la Villa Olímpica del Grupo Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira en la vida de los jóvenes que lo frecuentan. En el final de los 80, surgieron nuevos actores en el escenario de las políticas sociales de la ciudad de Río de Janeiro, las “escolas de samba” entre ellos, que extendieron sus actividades más allá del Carnaval. Reconocidas como entidades representativas y promotoras de acciones sociales dedicadas al combate de la pobreza, de las desigualdades y de la exclusión social, las llamadas “escuelas” de samba desarrollan proyectos en el área social destinados a grupos de diferentes edades. La Villa Olímpica de Mangueira representa una de esas iniciativas, incluyéndose en una serie de proyectos en actividad en las comunidades carentes, que buscan soluciones para ampliar las oportunidades de los jóvenes pobres en situación de riesgo.*

Palabras-clave: Río de Janeiro; escola de samba; favela; política social; juventud.





Notas

- ¹ A Vila Olímpica da Mangueira foi criada em 1987 por iniciativa de alguns integrantes do G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira. Conta com o apoio dos governos federal e estadual, de organismos internacionais e de empresas privadas. No momento, o projeto esportivo desenvolve nove modalidades: atletismo, ginástica rítmica e olímpica, futebol, *handbol* e natação.
- ² A Vila Olímpica do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro foi inaugurada em 1996 e construída junto à quadra da escola no antigo campo de futebol dos funcionários da Fábrica Confiança, em Vila Isabel.
- ³ Segundo o então Secretário Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura do Rio de Janeiro, Rui Cezar.
- ⁴ Esta discussão foi aprofundada em minha Tese de Doutorado intitulada “A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa” defendida no IMS/UERJ, em março de 2002, orientada pela professora Alba Zaluar.
- ⁵ Trata-se de um projeto vinculado ao programa social da Mangueira, que tem como objetivo proporcionar oportunidades de inserção de jovens carentes no mercado de trabalho.
- ⁶ O termo “olheiro” também é utilizado pelo crime organizado, porém, neste caso, os jovens se referem àquele que procura talentos e que lhes dará acesso ao mundo do esporte profissional.
- ⁷ Em 1997, o projeto Vila Olímpica da Mangueira recebeu a visita do presidente americano Bill Clinton, do presidente Fernando Henrique Cardoso, do Ministro dos Esportes Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, de atletas, tais como Zico, e de outras figuras públicas. Período em que o projeto recebeu prêmios e foi recomendado às comunidades pobres.
- ⁸ Entre as atletas entrevistadas, três cursavam graduação em educação física.

